LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

RB 198800

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

75.

A
LYRA ANACREONTICA;

A'

ILLUSTRISSIMA SENHORA

D. M. C. D. V.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1819.

Com Licença.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/lyraanacreontica00mace

EPISTOLA.

A clára, ó Marcia, a sabia Natureza
Com luz brilhante o nosso entendimento:
Sensivel coração nos poz no peito.
Instincto indestructivel nos obriga
A usar do coração. Amo, e consagro
De amor ardente perennal tributo,
Ao Soberano Author dos Entes todos;
Razão, Justiça, Natureza o manda:
Amo os Céos que me espantão, que arrebatão
Minh'alma absorta em extasis sublimes.
Amo o brilhante Sol, brilhantes Astros
Que da sombria noite os véos recamão.
Amo a atmosfera em que respiro, e amo
A tempestade, as rápidas centelhas
Que d'hum sublime susto a alma penetrão,
E os enlutados ares purificão.
Eu amo a Terra, que me nutre, eu amo
O ingenuo Agricultor, que a fertilisa.
E as mãos que seus thesouros me recolhem,

Eu amo o Historiador, amo o Poeta,
Hum me trás a instrucção, outro o deleite.
Amo o grave Filosofo, que accende
Dentro em minh'alma a chamma da virtude.

No vasto quadro d'alma Natureza
Em constante união descubro os Entes.
No seio undoso dos profundos mares.
Sobre este nosso domicilio, a Terra,
Pelos ares diafanos immensos,
He tudo puro amor, he sympathia,
Amizade, atracção; e em mutuos laços,
Vejo morar, permanecer os Seres.
A pedra attrahe o ferro; até se buscão
Pelas entranhas lobregas da terra
Huns aos outros metaes, e a flor descobre
O seu nectar, e o cálice ás Abelhas.
Pelos nossos Jardins, marmorea Estatua
Attrahe a si corpusculos que gyrão
Nos espaços do ar. Os elementos
Da fulgida Safyra, e da Esmeralda
Pelos veios do Silex se derramão,
E lá se vão unir com tarda marcha
De muitos, muitos seculos que passão;
Os espalhados succos se conhecem,
E para sempre reunidos ficão.

Ouve, ó Marcia, a Lineo, verás as Plantas
Sensiveis ao Amor, que o seu Imperio

Por todo o Imperio vegetal se estende.
Escuta esses horrísonos rugidos,
E formidavel voz, que atrôa os bosques;
He do fero Leão, que ama, e suspira,
Que faz tremer a Natureza, quando
De seus prazeres, e ternura goza.
Lá vôa, e brama o Tigre, e busca ancioso
A consorte feroz; corre os desertos
Da accesa Arabia, menos inflammada
Que o sangue que lhe corre, e se atropella
Nas fundas veias. Alma Natureza,
Tudo em ti sente Amor; tudo s'inflamma
Desde o pequeno insecto aos vastos globos,
Que vejo fulgurar no immenso espaço;
Saturno attrahe a Jove, e Jove a Marte,
Venus attrahe Mercurio, a Terra a Lua,
A Lua as aguas do Oceano ondeante;
Ora parece que rouballo á Terra
Intenta n'attracção, e ora lançar-se
Dentro em seu vasto seio. O Sol parado
Do vasto immenso turbilhão no centro,
Attrahe, fecunda, abraça, anima os Mundos,
Qu'em torno delle as Orbitas descrevem.
Quam depressa das Orbitas cahindo,
Se irião sepultar no seio ardente
Do flammejante Sol, se acaso, ó Marcia,
Huma invisivel mão não moderasse
Seu transporte d'amor? A Eterna Dextra
Marca a distancia propria d'harmonia
Do todo que subsiste. E o Ser que pensa,
Marcia, não ha de amar? Dádiva inutil

Seria o coração! Que Lei tão justa
Quando he justo este amor, quando a Virtude
Em innocentes vinculos nos prende!
Com que ingenuo prazer tactêo a Lyra
Do Grego Anacreonte! As castas Rosas,
O puro Lyrio, a candida Açucena
D'enfeite servem só nas aureas cordas,
Materia pura dão d'alma aos conceitos,
Que levantados são porque os inspiras
Tu, portento sem par da idade nossa;
Que igual prodigio os seculos só virão
Quando escutárão da formosa Hypacia
A eloquencia, e saber, se os ferrolhados
Penetraes de Platão entrava, e expunha
Da Sapiencia oráculos aos sabios
Da foz do Nilo na famosa Escóla,
Que a gloria escureceo d'antiga Athenas.
Tu conheces Amor, qual ella o víra,
Celeste emanação, chamma celeste,
Que d'alma as perfeições contempla, e vive
Nesta contemplação serena, e pura.

Mas como expôr os sentimentos d'alma
Póde, ó Marcia, o mortal, sem que do Quadro,
Que aos olhos seus descobre a Natureza,
Com donta mão não colha imagens vivas,
Expressivos sinaes do que a alma sente?
Na flor que brota, e planta que viceja
Vês retratos d'amor, e de innocencia.
Nos requebros harmonicos das Aves

A voz de amor s'escuta, e a Natureza,
Qual he, se mostra alli. Brilhante Insecto,
Que adeja ao Sol da Primavera, e toca
O cálice da flor co'as leves azas,
He hum grito d'Amor, he delle Emblema.
Qual ama a flor, a Borboleta, o Anjo,
Marcia, eu te posso amar, e eu devo amar-te.

Nas suaves Canções, que te consagro,
Se vês arcos, farpões, settas, aljavas,
Como se exprime amor, se assim não fora?
Passem, cingidos de celeste louro,
Teu nome, e a Lyra ao seculo vindouro.

ODE I.

A vida do campo.

Não formão, discreta Marcia,
A nossa felicidade
Os illusorios thesouros,
Que busca o luxo, e vaidade.

Esses cristaes de Golconda,
Que os homens chamão diamantes,
São, entre as classes das pedras,
Pedras que são mais brilhantes.

Se a mesma terra que as cria
Não for por nós cultivada,
Será theatro da fome,
Será do luto a morada.

Não he, por certo, escondido
Metal, a que chamão ouro,
Ao homem da Natureza
Hum verdadeiro thesouro:

He mais proficuo hum Arado,
A foice he mais preciosa;
Só estes nos livres campos
Tornão a vida gostosa.

Ao nosso amor que he preciso
Mais que do campo a cultura,
A lã de ingenuas ovelhas,
As aguas da fonte pura?

Vivamos, Marcia, no campo,
Nelle esperemos o Céo,
Até que a Morte desdobre
Sobre meus olhos o véo.

ODE II.

O Retiro.

Que importa, ó Marcia, que a Terra
Ande continuo a gyrar
A' roda do Sol, ou esteja
Fixa no mesmo lugar?

Que importa, que o Sol seu throno
Tenha no centro do Mundo?
Que importa, que compassado,
Encha, ou vase o Mar profundo?

Que importa, que os Reis disputem
Dois, ou tres palmos de terra?
Que importa, que a seus caprichos
Venha ora a paz, ora a guerra?

Que importa, que o Sabio estude
Mysterios da Natureza?
Que encanecendo nos livros
Encontre em tudo incerteza?

Gozarmos, e não sabermos
He dos humanos a herança,
Feliz quem goza da vida,
Quem nestes campos descança!

Contempla o fertil Outono
Como seus fructos reparte,
Como em seus quadros he bella
A Natureza sem arte.

Neste encantado retiro
He sempre fixa a estação,
Nem ha rigores do Inverno,
Nem chammas ha do Verão.

De unir as flores aos fructos
Aqui Natura se apraz;
Se existe na Terra, he este
O domicilio da paz.

Se acaso dentro em teu peito
Amor o seu throno erguêo,
Aqui, ó Marcia, vivamos,
E espere por nós o Céo.

ODE III.

Vantagens da solidão.

Dos Reis o escravo contemple
Os seus Jardins magestosos,
As aguas prezas nos lagos,
Bronzes, e jaspes lustrosos.

Admire como a tesoura
A murta dos troncos priva,
Que contrafeita appetece
A liberdade nativa.

Eu amo, ó Marcia, estes bosques
Quaes os produz Natureza;
Só ella he grande, e conserva
Na variedade a belleza.

Dentro em minh'alma despertão
Enthusiasmo sagrado,
Nem posso vêr sem assombro
Aquelle monte escalvado.

Parece-me vêr hum throno
Naquellas rochas distantes,
Onde Natura triunfa,
Aos olhos dos seus amantes.

Neste lugar solitario
Achámos, Marcia, a ventura;
A's almas dá pensamentos,
Aos corações dá ternura.

ODE IV.

O despertador importuno.

Cançado, ó Marcia formosa,
Do muito que hoje corri,
A' sombra do Cedro annoso,
Fui-me encostar, e dormi.

E que outra imagem, ó Marcia,
Mais do que a tua podia
Vir occupar a minh'alma,
Pintada na fantasia?

Presente te conservava,
E hum sonho me diz então,
Que punhas sobre o meu peito
A tua nevada mão.

Ouvi-te a voz, que dizia,
Sempre me havias querer,
Que de quebrar nossos laços
Só tinha a morte o poder.

Eu via as lagrimas ternas
Nos olhos teus borbulhar,
Ouvia os ternos suspiros
Que inflammão d'amor o ar.

Via-te, ó Marcia, qual és,
Prodigio da Natureza,
Hypacia não foi tão sábia,
Nem teve tanta belleza.

Mas eis-que neste momento
Hum Rouxinol se escutou;
Despertão-se os meus sentidos,
E o sonho se dissipou.

Exclamo: — Ingrata Avezinha,
Calar-te fora melhor;
Tu roubas-me a minha amada,
E vens-me fallar d'amor?...

ODE V.

Victoria d'Amor.

Eu vi, ó Marcia, a meu lado
A triste, e fria Razão;
Vinha d'austero sobrôlho
Ralhar da minha paixão.

Quiz que eu desencordoasse
A eburnea, e toante Lyra:
Gritava, que não he sabio
Quem por hum rosto suspira.

Dizia, que era hum desdouro
O Plectro de Anacreonte;
Que eu, não de rosas, mas louros
Devêra cingir a fronte.

Té quiz com mão vingadora
Meus ternos versos rasgar,
E os immortaes monumentos
A's vivas chammas lançar.

Que apenas guardar devia
Dentro do meu coração
A filosofica idéa
Do puro amor de Platão.

Que a doce união das almas
Eu só devia querer;
Que amar teu mimoso encanto
Era aviltar o meu Ser.

Disse-lhe, que era mentira
A sua amarga verdade;
Que hum coração insensivel
Não goza a felicidade.

Soltando amargo surriso,
Em ferros me deixa então.
Eu mui contente lhe disse,
A Deos, austéra Razão!

ODE VI.

Breve duração da belleza.

Véspero surge, e já brilha
Co'aquella luz saudosa
Onde com gosto apascentas
Teus olhos, Marcia formosa.

Vamos, são horas, ao campo
Do doce assopro gozar,
Do fresco vento que apenas
Co'as azas sacode o ar.

Da Natureza he mais bello
O quadro neste momento;
Quando nas sombras s'envolve
Mais toca o entendimento.

Vamos, ó Marcia; quam bella
He destes prados a scena!
Vê como a frente debruça
Nas aguas esta Açucena.

Parece, que a bella Flora
Desceo da celeste Esfera
A dar-lhe Imperio entre todas
As filhas da Primavera!

Os Zefyros inconstantes,
Soprando doce bafagem,
Sobre seu tronco se fixão
A darem-lhe vassalagem.

Eu mesmo a vim contemplar,
O' Marcia, ao nascer do dia;
Té, com soberba, das aguas
No espelho fugaz se via!

Voavão as Borboletas
Em torno della incessantes,
Roubavão-lhe doces beijos
Como perdidos amantes.

Mas já não tem formosura,
Nem doce perfume expira,
Até como envergonhada
Do lago a fronte retira.

Das mesmas flores o orgulho
O Tempo, ó Marcia, supplanta;
Basta hum só dia, e se acaba
Tudo o que os olhos encanta.

A idade foge, aproveita,
O' Marcia, d'amor os cultos,
Previne, ó Marcia discreta,
De teu espelho os insultos.

ODE VII.

O prodigio.

Que voz angelica, e pura
Vem meus ouvidos tocar?
Será de hum Zefyro brando
Que as folhas vem menear?

De Filomella talvez
Eu oiça o suave canto,
Agora que a noite escura
Na Terra estende o seu manto!

Mas duro, e medonho Inverno,
De feros tufões cercado,
Tem de tristeza, e de luto
A Natureza abafado.

O Rouxinol não despréga
Agora a voz saudosa,
Nem estes prados matizão
A Violeta, e a Rosa.

Mas que prodigio! De cores
Purpureas se cobre o Céo!
E a Primavera risonha
Nos ares desdobra o véo!

Em odoriferas nuvens
Aos campos retorna Flora;
Nos Céos assoma brilhante
Mais pura, e serena Aurora.

Altera-se a Natureza!
Do Tempo a roda passou!
Que muito, se a linda Marcia
A voz ao canto soltou?

ODE VIII.

O Duélo.

Diz-me a Razão, que não ame
A linda Marcia, e Amor
(Indocil par!) diz que a Marcia
Eu ame com mais ardor.

Assim minh'alma fluctua
Entre contrarias tenções,
Qual anda a Náo entre as ondas,
Batida dos Aquilões

Mas entre a sôlta tormenta,
Que o fragil lenho sossóbra,
Co'a já perdida esperança
O doce Posto se cobra.

Em tão sangrento combate
Razão austéra cedeo;
Desliza Marcia hum surriso,
Amor com elle venceo.

O D E IX.

O exemplo.

Não vês, ó discreta Marcia,
Em torno da luz brilhante,
Como se agite anciosa
A Borboleta inconstante?

Bebeo o nectar das flores,
E não contente da sorte,
A' roda da viva chamma
Affaga brilhante morte.

O' Marcia, não he só ella
Victima triste do engano,
Tambem o será quem busca
O fogo de amor tyranno.

Incauto tambem a imito
Em seu indiscreto gyro,
Ella nas chammas acaba,
Eu nos teus olhos expiro!

O D E X.

O Nome.

Manda-me Amor, que esta Lyra
Nas mãos amorosas tome,
Que as armas cante; e sómente
De Marcia repete o nome.

O ar das ondas vibrado
Leva este nome a meu peito,
E lembra á minh'alma absorta
O jugo a que estou sugeito.

Com vivo fogo me pinta
Esse celeste prazer,
Que ao lado teu, linda Marcia,
Me faz gostoso o viver.

Eu deixo o canto das armas,
Deixo d'Heroes a memoria,
Só dar-me pode o teu nome
O enthusiasmo da gloria.

ODE XI.

A união buscada.

Póde este Rio sereno
No curso seu não parar?
Póde ir com rápidos passos
Continuo buscando o mar?

A flor, que inda em si conserva
Vestigios de antigo amor,
Póde continuo voltar-se
Do Sol ao vivo esplendor?

Póde a sympathica pedra
A si o ferro attrahir?
Póde este ferro tocado
Do Norte a estrella seguir?

Só eu, ó Marcia, não posso
Do fogo, em que tu me abrazas,
Seguir o brilhante trilho
Dando-me Amor estas asas!

Se todos buscão seu centro,
As plantas, e os animaes,
Póde hum tyranno capricho
Oppor-se ás leis naturaes?

O rio, se na carreira
Das pedras he demorado,
Trasborda mais furioso,
Ou deste, ou daquelle lado.

Depois fiel vai seguindo
A sua lei primitiva,
E busca como ancioso
O mar donde se deriva.

A grossa nuvem que passa,
Inda que o Sol obscureça,
Não faz que a flor que o buscava
Naquella ausencia esmoreça.

Assim tudo vai buscando
O objecto que mais lhe agrada;
Conserva esta lei nos Entes
A Natureza gravada.

Tambem, ó Marcia, eu a sinto,
Em mim não fará mudança;
Porque inda além do sepulcro,
Te hei de buscar na lembrança.

ODE XII.

O Voto.

Feliz, ó Marcia, quem foge
Dos campos de Marte irado,
Só entre os bosques o sabio
Encontra asylo sagrado.

Este silencio profundo,
E sombra mysteriosa,
As almas alevantando
Tornão a vida gostosa.

Fazem hum grande estampido
No Mundo os Heroes da guerra,
Para ganharem hum nome
Cobrem d'estragos a Terra.

He, Marcia, hum brazão sublime
Subir ao Templo da Gloria;
Mas sempre se compra a preço
De pranto, e sangue a victoria.

Da doce Filosofia
No seio vamos viver;
Que he só ditoso na vida
Quem mais se sabe esconder.

Se de agradar a teus olhos
Eu tenho a felicidade,
Inda que o Mundo me ignore,
Eu gozo a Posteridade.

ODE XIII.

O Amor eterno.

Dispoz Amor qu' em seus ferros
Devesse a vida passar;
Que a minha constancia, ó Marcia,
Jurasse no teu altar.

Então minha liberdade
Ao Numen se quiz oppor,
Cuidando que na minh'alma
Não tinha poder amor.

Porém o Deos, em tyranno
Combate comigo entrou;
Da sua dourada aljava
Todas as settas vasou.

Eu cedo, ó Marcia, e fugindo,
O campo lhe deixo então,
E retirei-me coberto
Com o pavêz da Razão.

Elle me alcança, e me cobre
Co'o véo que nos olhos traz,
E tendo-me prisioneiro,
Esta pergunta me faz:

Ao sceptro meu como pode
Oppor-se a tua Razão,
Se tu estavas primeiro
Ferido no coração?

Eu fiz que visses a Marcia
Antes do jugo te impôr;
Tu viste a Marcia, e não pódes
Fugir dos laços de amor.

Gozaste da liberdade,
Ouviste a voz da Razão;
Tu viste a Marcia, e fechou-se
Eternamente a prizão.

ODE XIV.

O estudo d'Amor.

Nasceste, Marcia formosa,
Nasceste só para amar;
Não queiras em tanto estudo
Rápida vida passar.

As doces horas do somno
Não queiras diminuir;
De nada presta a Sciencia,
Se não ensina a sentir.

Encanecêrão os homens
Sem nada poder saber;
São nada as Artes, mais vale
Hum dia só de prazer.

A Rosa vive hum momento,
E os nossos olhos encanta;
Que nos importa esse cedro,
Que altivo aos Céos se levanta?

Agrada a Pomba innocente,
Que não se eleva no ar:
Deixa que as Aguias soberbas
Os Astros vão devassar.

Do teu Pastor as Endeixas
Traze continuo na mão;
Que ao lado d'huma belleza
Nunca achei graça a Platão.

Para huma eterna memoria,
Profundo estudo que val?
Nos versos, que tu me inspiras,
Já tens hum nome immortal.

ODE XV.

O Consorcio.

Não vês quanto he bello, ó Marcia,
Todo este Bosque sombrio?
Quam saudosas as aguas
Aos mares leva este Rio?

Hum tão recatado asylo
A todos amor inspira;
Tudo o que vês nestes campos
Sómente amores respira.

Estes vergeis tão amenos
As brandas Aves abrigão,
Que em seus namorados cantos
Em doce affecto se ligão.

As aguas, Zefyros, flores
Lanção perfumes de amor;
Os mesmos troncos sensiveis
Se mostrão ao seu ardor.

A Natureza este Templo
Ao Numen edificou,
Que penhorado da Offerta
Aqui seu throno firmou.

Vem tu, ó Marcia formosa,
Vem tu aqui repousar,
Que ultrajas a Natureza
Se não quizeres amar.

Não tardes, Amor co'as azas
Cobre o mysterio profundo,
Pois, se me vir a teu lado,
Terá ciumes o Mundo.

Vem, Marcia, no altar enlaça
Co'a minha a nevada mão;
Que a tão sublime delirio
O Imperio cede a Razão.

ODE XVI.

A ventura do Campo.

Em populosa Cidade
Não mora, ó Marcia, a ventura;
Nos alizares dourados,
Tem seu Imperio a amargura.

Foge da Corte, e se abriga
Entre estes bosques frondosos;
Aqui aos tristes humanos
Só tece os dias gostosos.

Sobre os marmoreos Palacios
Tristes cuidados revoão;
Da escravidão, nestes campos,
Os duros ferros não soão.

Tudo respira a ventura,
Tudo a ventura retrata;
Vejo-a na sombra dos bosques,
Vejo-a nas fontes de prata.

No leve vôo das aves,
Do simples Pastor no riso,
Na relva, flores, em tudo
Eu a ventura deviso.

Ao campo fujamos, Marcia,
Que he da ventura hum thesouro;
Embora o Avaro busque
Além dos mares o ouro.

Aqui verás a ventura
No canto d'huma Pastora,
Té a verás misturada
Na ingénua dôr, s'ella chora.

Co'os grandes Reis a ventura
Não vai ao throno subir,
O mesmo sabio a não acha,
Se o sabio a quer diffinir.

No seio da Natureza
Sómente s'encontra pura;
Vive no campo; e se amares,
O' Marcia, terás ventura.

ODE XVII.

O Amor, e a Abelha.

Amor.

Cruel, e maligna Abelha,
Que a linda Marcia offendeste,
Tu pagarás com a vida
O crime que cometteste.

Abelha.

Cruel Amor, não castigues
A minha acção criminosa;
Feri os labios de Marcia
Julgando que era huma Rosa.

Amor.

A tua acção deshumana
Ficar impune? Isso não;
As azas devo arrancar-te,
Devo quebrar-te o farpão.

Abelha.

Deixa-me, Amor; que mais crimes
Comettes com teus farpões:
Eu firo os labios a Marcia,
Tu feres os corações.

ODE XVIII.

A Rosa.

Quanto meus olhos encantas,
Fragrante, e mimosa Flor!
Venus te deo a belleza,
De Venus o sangue a côr.

Minh'alma toda se inflamma,
Se extatico te contemplo;
Se tu de Venus és obra,
Tu és de Marcia hum exemplo.

E's linda, se vergonhosa
Te mostras nas folhas preza;
Assim no rosto de Marcia
Augmenta o pejo a belleza.

Alegras risonha o ar
Quando as prizões desenlaças;
Assim hum riso de Marcia
Lhe augmenta as celestes graças.

Tu perderás a belleza,
Se o tempo te desfolhar;
Tambem de Marcia os encantos
O tempo deve acabar.

Talvez que Marcia te colha,
E ponha no peito seu;
Terás hum feliz destino,
Destino que não he meu.

Se Marcia aos labios te chega,
Hum beijo te ha de imprimir;
Se Amor tal visse... até elle
Ciumes ha de sentir!

Deixa-te estar no seu peito,
Que he só de Amores o ninho;
Se algum rival vires perto,
Dá-lhe sómente hum espinho.

ODE XIX.

O Prodigio.

De espessas nuvens o Céo
Repentino se cobrio,
E mui carregado luto
A Natureza vestio.

Do seio dos turvos ares
A chuva se desatou,
Entre relampagos feios
Horrendamente toou.

Eis Marcia, como assustada
Com tempestade tão solta,
Chega á janella, e seus olhos
Aos Céos enlutados volta.

Súbito as nuvens se rompem,
E o Sol luminoso brilha;
E namorado de Marcia,
Contempla tal maravilha.

Marcia, retira o teu rosto,
Tão bello para meu mal;
Vê que com justo ciume
Temo no Sol hum rival.

S'entre os mortaes não existe
Mortal que eu possa temer,
Tu és hum Nume celeste,
Póde-te hum Nume querer.

ODE XX.

O Cedro.

Altivo Cedro, eu entalho
Sobre o teu tronco viçoso,
Qual em meu peito o conservo,
De Marcia o nome ditoso.

Darão magestosas sombras
Desde hoje as folhas que vestes,
Verão os seculos quanto
Com este nome crescestes.

Se em ti se conserva sempre
Constante, e eterna a verdura,
Com este nome esculpido
Terás maior formosura.

Tu não dás fructos, e esteril
Tu vês do tempo a mudança,
Só nisto não se pareça
Comtigo a minha esperança.

ODE XXI.

A vista de Marcia.

Huma só vista de Marcia
Derrama em torno a ventura;
Com ella Amor tem Imperio,
As Graças tem formosura.

Toma huma face risonha
O Céo quando a vê passar,
Cobre-se a terra de flores,
Depõe as iras o mar.

Nuvens de Amores exhala
Do peito quando respira,
E diz ao Mundo encantado,
Quando se mostra: --- Suspira. ---

He de seu rosto formoso
Tão poderosa a magìa,
Que eu temo perder, se a vejo,
A minha Filosofia.

Clama a Razão, pois se queres
Fugir acaso esse mal,
Quando encontrares a Marcia
Abaixa os olhos, mortal.

ODE XXII.

O Ramalhete.

Eu fiz, ó Marcia formosa,
Junto do Cedro frondoso
Das flores de que mais gostas
Hum ramalhete mimoso.

A's Margaritas unia
Da Murta a candida flor:
Juntei a tres Açucenas
A Rosa que achei melhor.

No Alegracampo fragrante
A Madresilva enlacei;
Juntei-lhe duas Saudades,
Flor que entre todas amei.

Busquei dos Cinco Pinheiros
O Valle, onde tu passêas;
Mas perseguirão-me Abelhas,
Que estão naquellas colmêas.

Dá-me por esta grinalda
Da tua boca hum só beijo,
D'onde d'hum favo a doçura
Correr de continuo vejo.

Então as louras Abelhas,
Se tu não fores cruel,
Mais do que invejão as flores
Verás invejar o mel.

ODE XXIII.

O Amor reciproco.

Nasceo Amor poderoso,
E o Mundo veio abrazar,
E ás Graças encantadoras
Venus o deo a crear.

Seguem-se tempos a tempos,
Succede a hum dia outro dia;
Máo grado tantos desvélos,
Nunca o menino crescia.

Venus afflicta, de Apollo
O oraculo consultou,
Depois de rogallo muito,
Esta resposta escutou:

Se queres que Amor te médre,
Hum novo filho has de ter;
Se então se abraçarem ambos,
Amor tu verás crescer.

Antheros nasce, e n'hum ponto
Amor robusto cresceo.
Oh! que lição tão tocante
Aquelle Nume nos deo!

Tu vês no meu coração
Amor, ó Marcia, nascido:
Se igual em teu peito nasce,
Então o verás crescido.

ODE XXIV.

As duas Rosas.

Com brandos fios de seda
Marcia bordava huma Rosa;
Nem nos Jardins de Amathunta
Venus a vio mais formosa.

Mais do que a Aurora nascente
Mostrava a mimosa côr;
Nem do casulo mais bella
Sahio natural a flor.

Prodigios d'arte, que vencem
Esforços da Natureza!
As mãos de Marcia dar podem
A's flores maior belleza!

Tocadas das mãos do Tempo,
Desfolhão-se as naturaes;
As tuas, Marcia divina,
As tuas são immortaes.

O D E XXV.

Amor prezo.

Vio Marcia Amor que dormia,
Onde, em que dia, não sei,
E diz, lançando-lhe hum laço,
Agora me vingarei!

Acorda o triste menino,
E vio a algema na mão;
Erão cabellos de Marcia,
Indissoluvel prizão!

Piedade, ó Marcia... e chorava;
E Marcia não sente dor.
Solta-me, ó Marcia, concede
A liberdade ao Amor.

Eu juro recompensar-te;
Serás, ó Marcia, querida,
Serás do constante Elmiro
Amada, e correspondida.

Na tua face mimosa
Terás perpetua belleza,
Amor to jura, e tu sabes,
Que he mais do que a Natureza.

Concedo-te a liberdade,
Diz Marcia ao afflicto Nume,
Se tu promettes primeiro,
Que nunca hei de ter ciume.

Dos corações dos amantes
Hum só coração formou;
E dando aos dois huma vida,
Já livre os ares cortou.

ODE XXVI.

O engano d'Amor.

De seus incessantes gyros
Amôr cançado parou,
No seio da linda Marcia
Gostoso se reclinou.

Tanto se agasta a Pastora,
E fica tão furiosa,
Que he qual Abelha, se o favo
Lhe rouba a mão cubiçosa.

Com força desvia o Nume,
Nem quer que o seu coração,
Sendo tão puro, o veneno
Receba do seu farpão.

Sentindo o terno menino
Tão desusado rigor,
Da crueldade de Marcia
Chorando se queixa Amor.

Não me conheces? Diz ella,
Eu Marcia sou... D'espantado,
Amor repentino foge
Daquelle seio nevado.

Qual foge o Pastor, que incauto
A cobra enroscada piza,
Assim fugindo nos ares,
Com susto Amor se devisa.

Perdoa, ó Marcia, (bradava
Amor) se assim me enganei,
Cuidando que era o de Venus,
No seio teu me encostei.

O D E XXVII.

A comparação.

Esforço d'arte, e prodigio!
De Marcia he esta a figura?
Imita-se a Natureza
Na pedra insensivel, dura?

Oh! que cabal similhança
Tem o retrato, e o modello!
Por natureza, e por arte,
Se mostra igualmente bello!

He surdo o jaspe nevado,
Marcia não quer escutar;
He muda a formosa Estatua,
E Marcia não quer fallar.

Se as aguas da clara fonte
Excede o jaspe em alvor,
Tambem de Marcia formosa
O seio tem esta côr.

Se he insensivel, e duro
O jaspe por natureza,
No peito a formosa Marcia
Conserva a mesma dureza.

Se he parte de dura pedra
O Busto immovel, e quedo,
Tem Marcia iguaes attributos,
Tambem he Marcia hum rochedo.

Só não se vê similhança
Entr'hum, e outro portento;
He sempre immovel a pedra,
Mudar-se-ha Marcia qual vento.

ODE XXVIII.

Os effeitos contrarios.

O Sol nunca neste globo
Lançou tão grande fulgor,
Como dos olhos de Marcia
Despede o Tyranno Amor.

Nem he tão doce ao contacto
A Violeta mais pura,
Do que das mãos he de Marcia
A morbidez, e a doçura.

Não he das purpureas Rosas
O hálito mais mimoso,
Do que he da boca de Marcia
Hum só suspiro mavioso.

Da sua vista se entorna
Balsamo tão efficaz,
Que vem sarar em meu peito
As chagas que Amor lhe faz.

Mas em seu seio de neve,
Arde tão grande volcão,
Que a tantas chammas sustento
He pouco o meu coração.

Qual Borboleta será,
Que expira na chamma pura;
Se o fogo seu me dá vida,
Dá-me tambem sepultura.

ODE XXIX.

O conhecimento.

Só quem dos olhos de Marcia
A luz gozou clara, e pura,
Póde formar justa idéa
De huma cabal formosura.

Só quem dos ternos suspiros
Os éccos não escutar,
Que deixão enternecidos,
Os Céos, a terra, e o mar;

Só quem não vio os arquejos
Daquelle nevado seio,
Aonde Amor a vontade
Conserva em perpétuo enleio;

Só quem não vio hum surriso
Dos labios seus deslizado,
Que ás lindas flores dá graça,
Dá viço á relva do prado;

Não póde saber qual seja
Do meu peito o vivo ardor,
Nem como as settas s'encravem,
Nem como as arranque Amor.

ODE XXX.

O suspiro.

Hum mal distincto suspiro
Do peito aos labios te corre;
Vejo que, apenas nascido,
N'hum só instante elle morre.

Afugentado do pejo,
Tocou os labios em vão,
Tornou a reconcentrar-se
Dentro do teu coração.

As tuas faces se accendem
Em viva, e purpurea côr;
Não sei dizer se he modestia;
Mas não he menos que Amor.

Eu vejo que de teus olhos
Brilhante humor se derrama;
Os olhos fallão, no peito
Tens, Marcia, de Amor a chamma.

Hum fogo só de outro fogo
Se póde communicar;
Deixa que rompa essa chamma,
E a minha venha atear.

ODE XXXI.

A Eternidade d'Amor.

O Tempo com ferreo braço
Faz os Palacios cahir,
As obras do esforço humano
A cinzas vem reduzir.

Desséca os Lyrios, e as Rosas,
Enfeites da Primavera;
Sente a belleza os ultrajes
Da sua foice sevéra.

Dissolve os brutos rochedos,
A arêa em pedras converte,
Té a corrente dos rios
A novos leitos diverte.

Vês essa rocha medonha,
Que tanto s'eleva ao ar?
Do tempo a fluxão constante
Fez della o mar recuar.

Aplainão-se os altos montes,
A mesma Terra envelhece;
Debaixo dos pés do Tempo
Tudo o que he grande perece.

O mar tambem se evapora,
Já muito mais s'estendeo;
O Tempo até faz mudanças
Na mesma face do Céo.

As luzes do Sol se eclipsão,
Os mesmos Astros se apagão,
Os jaspes, os duros bronzes,
Tambem co'o tempo se estragão.

Em fim, tudo está sugeito
Dos tempos ao vituperio;
Mas não se acaba co'o tempo
Do teu Amor o Imperio.

ODE XXXII.

Os Planetas.

Sete brilhantes Planetas,
Marcia, nos Céos vão gyrando,
E a ti nos seus movimentos
Continuo estou contemplando.

A neve gelada vendo
Da Lua estou no clarão;
Tambem, ó Marcia, a contemplo
Dentro do teu coração.

Mercurio he Deos da eloquencia;
Isto contemplo em seu gyro;
Pois este raro talento,
Em ti, ó Marcia, eu admiro.

E quando o Sol do Oceano
Levanta a face brilhante,
A imagem descubro, ó Marcia,
De teu celeste semblante.

Ou Venus preceda a Aurora,
Ou brilhe no fim do dia,
Que a tua imagem era ella,
Mil vezes eu to dizia.

E se de Marte guerreiro,
Eu vejo a face abrazada,
Assim me assustas, ó Marcia,
Quando te mostras irada.

Vejo imperando na Esfera
A Jupiter luminoso;
Elle me lembra o Imperio
De teu semblante formoso.

Saturno em Céo mais subido
Derrama tardo fulgor,
Elle me lembra de Marcia
A eternidade em amor.

Assim, quem não vio a Marcia
Bem póde os Céos contemplar;
Que nos brilhantes Planetas
A sua image' ha de achar.

ODE XXXIII.

O Retrato d'Amor.

Deixa as vulgares idéas,
Habil, e douto Pintor;
Deves seguir outra marcha,
Se queres pintar Amor.

Passa severo essa esponja
No Quadro que tens traçado;
Não pintes arcos, nem settas,
Não pintes facho inflammado.

Tira dos hombros as azas,
Dos olhos tira-lhe a venda,
Não pintes ferreas cadêas,
E o Quadro tão bello emenda.

Nem elle tem esse rosto,
D'hum fragil tenro menino,
Nem tem Amor esses rasgos,
Sobre o seu rosto divino.

Se desse Nume celeste
Queres a idéa melhor,
Retrata a divina Marcia,
Então pintarás Amor.

ODE XXXIV.

O riso, e o pranto.

Quando tu soltas, ó Marcia,
Dos labios leve surriso,
Em tua frente serena
Me mostras o Paraiso.

A luz então se despede
Dos olhos teus tão brilhante,
Que os mesmos Astros s'eclipsão
No Firmamento distante.

Quando de lagrimas ternas
Molhas a face formosa,
Aos olhos meus se apresenta
D'orvalho aljofrada Rosa.

Assim a Aurora orvalhada
Nos mostra a suave frente,
Se as aureas portas ao dia
Abrindo vem n'Oriente.

As tuas lagrimas puras
Gostoso recolhe Amor,
Bem como a Abelha o rocio
Do niveo calis da flor.

Absorto então não decido
Quando mais bella pareces,
Se quando soltas hum riso,
Se quando a face humedeces.

Ou deslizando hum surriso,
Ou tendo a face chorosa,
Tu, Marcia, discreta Marcia,
E's igualmente formosa.

ODE XXXV.

O osculo.

Se hum terno beijo me imprimes,
(Prazer que a gloria emparelha,)
Eu sinto sobre os meus labios,
Formosa Marcia, huma Abelha.

Se alli doce mel derrama,
Encrava o duro aguilhão;
Leva a doçura, e o golpe
Ao fundo do coração.

Se tu de Rosas corôas
A minha ditosa frente,
Occulto na flor de Venus,
Eu sinto o espinho pungente.

Se em mim, ó Marcia formosa,
Os olhos brilhantes pões,
Eu sinto d'Amor o facho,
Tambem lhe sinto os farpões.

Se tu me enlaças, ó Marcia,
Com teu cabello ondeado,
Tambem nos pulsos eu sinto
De ferro hum grilhão pezado.

Entre tormentos, e gostos
A minha vida se apura;
A hum tempo, Marcia celeste,
Tu és o fel, e a doçura.

ODE XXXVI.

A sensibilidade.

Se acaso na doce tarde,
O' Marcia, vens passear,
Tu vês do Vimeiro o campo
Hum novo aspecto tomar.

Bordão-se as margens do rio
De mais engraçadas flores,
Os horisontes se arreão,
De brancas, e roseas cores.

Nem voraz lobo as ovelhas
Já fóra do ovil persegue,
Nem alvas Pombas nos ares
O Açor deshumano segue.

E se a vagante Andorinha
Nos livres ares ondèa,
Das sussurrantes Abelhas
Não despovòa a colmèa.

As aves nos arvoredos
Cantão com mór alegria,
E mais saborosos fructos
A terra espontanea cria.

Se á Natureza insensivel
Dás, Marcia, hum ser differente,
Que hão de fazer teus encantos
No ser que pensa, e que sente?

ODE XXXVII.

A promessa.

Do Cedro copado á sombra
Comigo, Marcia, estiveste,
E de tornar a estes campos,
Mil vezes me prometteste.

Passão as noites, e os dias,
E tu, ó Marcia, não vens;
Nem sentes o mal da ausencia,
Nem sei porque te detens.

Pergunto ao prado risonho,
Pergunto ao monte sombrio;
Tudo emmudece, só oiço
Quebrar nas pedras o rio.

Debalde, Marcia formosa,
Tão doces queixumes faço;
Eu sei que te veda a sorte
Em duras prizões o passo.

Se tu não queres amante
O meu tormento aggravar,
Não me promettas, ó Marcia,
Senão o que pódes dar.

O D E XXXVIII.

As prendas.

Tres Deosas, Marcia, quizerão
Ao berço teu presidir,
E dos thesouros celestes,
Comtigo os dons repartir.

De grande engenho dotada
Fostes, ó Marcia ditosa,
Venus te deo a belleza,
Juno te fez magestosa.

Em ti, ó Marcia, reunes
Os predicados das trez,
E o que fizera em mil annos,
A Sorte fez d'huma vez.

Quer sobre ti cada huma
Imperio exclusivo ter;
Nesta celeste contenda
Eu Arbitro quero ser.

A terna mãi dos Amores
Aos teus encantos prezida;
Na clara luz dos teus olhos
O doce Amor tenha vida.

A Soberana dos Deoses,
Te ponha o Sceptro na mão,
E sem sentir teu Imperio,
Não haja hum só coração.

E na tùa alma sublime,
Que em ti tanta luz conserva,
Entre as Sciencias, e as Artes,
Seu throno tenha Minerva.

ODE XXXIX.

O Retrato fixo.

Aguas serenas, e puras
Do manso, e claro ribeiro,
Qu' hides cortando as Campinas
Do alegre, e doce Vimeiro;

Que nas verdejantes margens
Tão lindas flores criais;
Que ao magestoso Oceano
Rico tributo levais;

Em vosso crystal brilhante
Vem Marcia o corpo lavar:
Ouvi-me, serenas aguas,
Vós vos deveis condensar.

Em vós de seu bello rosto,
Como em espelho polido,
Ficou hum puro retrato
Por hum instante esculpido.

Em vós tão grande thesouro
Eternamente guardai;
Embora ao mar revoltoso
Ouro, e diamantes levai.

Em vós a idade presente,
Em vós a idade futura,
Veja naquelle retrato
A imagem da formosura.

Se veio do Céo, se agora
Na Terra morada tem,
Em toda a parte se admire,
Viva nas aguas tambem.

ODE XL.

O Portento.

As margens do claro rio,
Cheguei, ó Marcia, a tocar,
Que desse incognito asylo
Os muros vão rodear.

O Sol brilhante n'hum ponto
Em negros véos se envolveo,
Com grossas nuvens sombrias
Medonho se cobre o Céo.

Gemem as arvores, geme
Co'o pezo d'agua a campina,
Crescem as ondas do rio
Com chêa tão repentina.

A's aguas me quiz lançar,
Pois não temia morrer;
Porém lembrei-me que morto
Eu não te tornava a ver.

Saudoso, convulso, e triste
A hum tronco o corpo encostei,
E que passasse a tormenta,
Debalde, ó Marcia, esperei.

Fuzila o medonho raio,
Repete o écco o trovão,
E a Natureza em desmaio
Me amostra só confusão.

Mas eis-que á margem opposta
Te vejo, ó Marcia, chegar,
E logo contemplo absorto
Os ares a serenar.

E quando de lá risonha
A' minha estendeste a mão,
O rio, como espantado,
Parou na carreira então.

Enrolão-se as nuvens densas,
E brilha o Sol no hemisferio,
E a Natureza obedece
A teu soberano Imperio.

ODE XLI.

Os prestigios da Imaginação.

Em tudo, ó Marcia, te vejo
Quanto a meus olhos s'off'rece,
Em tudo o que me rodêa
A tua image' apparece.

Se hum dia sereno, e puro,
Eu vejo, ó Marcia, raiar,
A tua fronte serena
Me vem o dia mostrar.

Se o passo dirijo errante
Por estas veigas amenas,
Cuido que a alvura do seio
Te vejo nas Açucenas.

Se junto ás aguas que correm
Descubro Lyrios, e Rosas,
Nellas a imagem deviso
Das tuas faces mimosas.

Até de noite nos Astros,
Que brilhão no Firmamento,
Vou descobrir de teus olhos
As luzes, e o movimento.

Porém o Sol fulgurante
A tua imagem não he;
Se no Occidente s'esconde,
De novo brilhar se vê.

Tu te escondestes, ó Marcia,
Bem como o Sol quando he posto;
O Sol virá, tu não voltas
A descobrir-me o teu rosto.

ODE XLII.

A Rosa.

Tinha huma Rosa no manto
A linda Marcia pregada,
E deo a Elmiro em presente
A flor de Venus amada.

E quando a mão lhe tocava
De tal maneira córou,
Que em suas mimosas faces
Mais viva rosa ficou.

Os Céos, e Terra, que virão
Seu rosto tão abrazado,
Cuidarão que era huma rosa,
Que outra ao Pastor tinha dado.

Disse-lhe então suspirando,
Tocado do mesmo enleio,
Antes a rosa que fica,
Do que esta rosa que veio.

O D E XLIII.

A proposta.

Marcia, tu gostas de flores,
E as colhes no prado ameno,
Que fazem desse retiro
Hum Paraiso terreno.

Tu apascentas teus olhos
No Cédro, que não he teu;
Gostas da côr variada,
Que mostra na tarde o Céo.

Gostas do canto das Aves,
Que ao lado teu sempre ouvi;
Gostas de tudo o que he bello,
Mas que está fóra de ti.

Se de huma coisa gostáras,
Eu fora feliz então;
Já que no teu não existe,
Gòsta do meu coração.

ODE XLIV.

O coração perdido.

Nynfas do claro Vimeiro,
Valei-me por compaixão,
Do peito, em ancias immerso,
Fugio o meu coração.

Estava sentado á sombra
Daquelle Cédro viçoso,
Nas azas d'hum ai! sentido,
O vi fugir pressuroso.

Pára, lhe disse, mas elle
Meus ais não quiz escutar;
Em negras nuvens envolto,
Não sei onde foi parar.

Dizei-me, ó Nynfas, se o vistes?
Se acaso o não conheceis,
Saber que he elle o fugido
Nestes sinaes podereis.

Leva huma chaga profunda,
Corre-lhe o sangue em cachões;
De Amor, que nelle triunfa,
Pendentes leva os farpões.

Nas azas vai da esperança,
Hum fogo ardente o consome;
E nelle está para sempre
De Marcia gravado o nome.

ODE XLV.

A rapidez da belleza.

Não deixes fugir, ó Marcia,
Do tempo nas leves azas
As graças com que o meu peito
Em vivas chammas abrazas.

Esperas que a côr de neve
Em teus cabellos s'espalhe?
Que o pezo dos annos curve
O teu delicado talhe?

Queres que a idade tardia
Desfolhe co'a mão gelada
Aquellas rosas, que admiro
Na tua face nevada?

Queres então premiar
O meu sobre humano amor?
Não sejas injusta, ó Marcia,
Escolhe sempre o melhor.

As leis dos caprichos teus,
São, Marcia, mui rigorosas,
Se queres que afflicto eu colha
Espinhos em vez de rosas.

ODE XLVI.

O Espelho.

Contemplas, Marcia, mil vezes
Teu rosto bello, e mimoso,
E teu chrystallino espelho
Accusas de mentiroso.

Convenho, Marcia, esse vidro,
De quem te escuto queixar,
Não póde a tua belleza
Ao vivo representar.

Fita teus olhos nos meus,
Sobre elles a face inclina,
E neste espelho animado
Então verás que és divina.

ODE XLVII.

A ausencia, e a presença.

Hum passo, apenas hum passo,
Em quantas horas eu dou?
Que muito se est'alma triste
Sobre teus labios ficou!

Quando de ti me separo
Entre esperanças, e medo,
Que muito fique meu corpo
Immovel como hum rochedo!

Mas se onde, ó Marcia, te escondes
Eu devo ir vêr o lugar,
Nunca fendeo mais ligeira
A setta apressada o ar.

Que muito que este prodigio
Tu vejas acontecer,
S'est'alma sobre teus labios
Vou outra vez receber?

ODE XLVIII.

O Amor, e as Abelhas.

Amor de lindas Abelhas
Hum louro enxame colheo;
Dentro d'aljava dourada
Mui cuidadoso o metteo.

Elle co'as louras Abelhas
Fez logo doce alliança;
Entre elles poz Natureza
A mais cabal similhança.

Fazem as mesmas feridas
Todos co'o mesmo aguilhão;
Nas mãos, no rosto as Abelhas,
Cupido no coração.

Derramão todos veneno,
Todos derramão doçura,
Cura-se o golpe da Abelha
Mas o d'Amor não tem cura.

A Abelha fere huma vez,
E o sangue do golpe corre,
Alli deposita a setta,
E a setta deixando, morre.

Amor, ó Marcia, renova
Sempre em meu peito este mal.
Foi momentanea a doçura,
Será seu golpe immortal.

ODE XLIX.

A Idade.

Nos teus innocentes annos
Tu eras, Marcia formosa,
Ou similhante, ou mais bella,
Que hum bello botão de Rosa.

Na verde folha envolvido
Não mostra de todo a côr,
Aos raios do Sol aberto
Mostra belleza maior.

Mas a hum objecto terreno
Hum erro igual arte fora,
Tu eras naquella idade,
Qual he nos Céos rôxa Aurora.

Ella nos prados risonhos
Das suas faces serenas
Derrama gotas d'orvalho
Nas candidas Açucenas.

Espalha huma luz suave
Ao longe nos horizontes,
E até do seio das sombras
Parecem surgir os montes.

Agora tocando a raia
Já de outra idade madura,
Divina Marcia, contemplo
Em ti maior formosura.

Da Rosa que as folhas abre
Inda a belleza he maior,
E brilha no meio dia
O Sol com mais vivo ardor.

ODE L.

O Sol vencido.

Sentas-te á sombra do Cedro,
Formosa Marcia, assim he;
Mas tens hum chapéo na frente,
Inda que a sombra te dê.

O Sol com seus vivos raios
Deseja alli penetrar,
Talvez que co'a luz brilhante
Te queira a face tocar.

A luz do Sol tu regeitas,
O' Marcia; como és prudente,
Tu queres que o Sol conserve
O seu resplandor ardente.

Se os olhos teus descobrisses
Onde maior luz s'encerra,
Os raios do Sol só frôxos
Virião tocar a terra.

ODE LI.

Os cabellos brancos.

As raras cans, que s'encontrão
Na tua frente mimosa,
Queres, ó Marcia, que eu tire
Com minha mão rigorosa?

Eu não te faço a vontade;
Assim o quer Natureza:
He este o maior realce
Da tua rara belleza.

São Lyrios que enlação Rosas,
Como a grinalda que eu fiz;
Vê que de Rosas e Lyrios
Sempre he perfeito o matiz.

A Margarita purpurea
Co'a flor da Murta s'enlaça:
A's tuas rosadas faces
A neve pura dá graça.

De branco, e vermelho a Aurora
A frente adornada tem;
Talvez que, por invejar-te,
Dest'arte toucada vem.

ODE LII.

O vagalume.

Brilhante Insecto, que espalhas
No seio da noite escura
Por entre as ramas do Cedro
A luz momentanea, e pura;

Suspende os vôos ligeiros;
Marcia te quer apanhar;
Não fujas; que inda mais vivo
Nas suas mãos vais brilhar.

He mais suave o contacto
Daquellas mãos delicadas,
Que a felpa mimosa, e doce
Das Açucenas nevadas.

Temes os olhos de Marcia,
Por isso me não respondes;
São elles a mesma causa
Porque do Sol tu te escondes.

ODE LIII.

Amor, e a Morte.

Se Marcia tem de morrer,
(Amor á Morte dizia),
Queira o Supremo Destino,
Que tarde chegue este dia!

Com Marcia os risos, e as graças
Por certo se acabarão;
Nem eu terei por vassallo
No Mundo hum só coração.

Tyranna Morte, tu deves
O golpe descarregar;
Tu mesma verás em luto
A Natureza ficar.

Mas sabe, ó Morte, que a foice
Das mãos tu verás sahir,
Se tu lhe vires o rosto
Antes de Marcia ferir.

ODE LIV.

Os olhos de Marcia.

Do verde Cedro copado
A' sombra deliciosa
Amor descobri risonho
Junto de Marcia formosa.

Não tinha nas mãos o facho,
Nos hombros não tinh'Aljava;
De seu poderoso Imperio
Nenhum sinal conservava.

Qu' he isto! disse, sem armas
O Deos que o Mundo avassalla?
Mas elle, apontando a Marcia,
Contente dest'arte falla:

Não necessito de settas
Nem de carcaz, nem de facho,
Que mais poderosas armas
Nos olhos de Marcia eu acho.

Nos labios, nas roseas faces
Maior Imperio hei de ter;
Se eu tenho de Marcia o rosto
Que não poderei vencer?

ODE LV.

O Ramalhete inutilizado.

Nos campos errando acaso
Do teu Vimeiro viçoso,
Eu fiz d'espontaneas flores
Hum ramalhete mimoso.

A Violeta modesta
Ao branco Lyrio enlacei:
E com purpurinas Rosas
A alvura lhe temperei.

O escuro azul dos Jacintos
Uni ao Cravo encarnado,
A quem a Aurora d'orvalho
As folhas tinha banhado.

Juntei-lhe as flores de Murta,
Pois dellas te vi gostar;
Mas não te quiz, linda Marcia,
O ramalhete mandar.

Tu mesma, formosa Marcia,
Não o devias querer,
Depois que em teu lindo rosto
Mais lindas flores fui vêr.

Na frente tens brancos Lyrios,
Nas bellas faces a Rosa,
Nos olhos tens os Jacintos,
Cravos na boca formosa.

No hálito que respiras
Tens hum perfume melhor,
Que tem de hum Zefyro brando
Batida da Murta a flor.

As mais preciosas flores
A' tua vista são nada;
Ellas são flores sem vida,
Tu és a flor animada.

ODE LVI.

O Surriso.

Nos Céos começava a Aurora
Inda mui frôxa a raiar,
Do alegre Vimeiro ao campo
Com Marcia fui passear.

Nenhuma flor inda tinha
Aberto as folhas ao dia,
E como em lutos envolta
A Natureza se via.

Marcia soltou por acaso
Da linda boca hum surriso,
Súbito hum Quadro espantoso
Naquelles campos deviso.

Nas débeis hasteas as flores
Vistosas apparecêrão;
As Violetas, as Rosas,
O ar de perfume enchêrão.

Reverdecêrão Tomilhos
Naquelles doces retiros,
E as rôxas cores avivão,
Os magoados suspiros.

Pode de Marcia hum surriso,
(Eu disse comigo então),
A's flores amortecidas
Dar força, vida, e acção.

Tambem o mortal, que goza
Hum beijo da sua boca,
Despindo a essencia terrena,
A Esfera celeste toca.

ODE LVII.

As Flores.

Não te pareça hum prodigio,
Celeste Marcia formosa,
Se em desabrido Janeiro
Eu te offereço huma Rosa.

He tal do doce Vimeiro
O ar que banha as Campinas,
Que até no Inverno tristonho
Nascem aos centos boninas.

Pódes maior maravilha,
Em ti, ó Marcia, observar;
Flores em todos os tempos
Vejo em teu rosto brotar.

Em todas as Estações
Tu as conservas amenas;
Sempre na frente tens Lyrios,
Sempre no seio Açucenas.

Sempre mais vivas as Rosas
Em tuas faces deviso;
Se houvesse innocente idade,
Tu foras o Paraiso.

ODE LVIII.

O Amor castigado.

C'hum ramalhete de Rosas
Irada Venus hum dia
O seu innocente filho
Sem piedade feria.

Onde pozestes as settas,
Onde as perdestes, lhe diz;
Não temes as ameaças,
Qu'eu tantas vezes te fiz?

Amor lhe torna, chorando:
A Marcia eu as entreguei;
Se pode Amor enganar-se,
Por certo, ó mãi, me enganei.

Pedio-me as settas, e absorto
Me puz a olhar para ella;
Cuidei ser Venus, pois era
Qual vós, minha mãi, tão bella.

ODE LIX.

O Combate.

Estranho, e novo combate
Virão meus olhos hum dia;
Amor atacava a Marcia,
E Marcia se defendia.

Do arco eburneo atezado
Amor despede hum farpão,
E Marcia só tinha inerme
A sua nevada mão.

Amor formava seus laços,
(E os Deoses tremem de vellos);
Marcia da frente de Lyrios
Soltava os lizos cabellos.

Co' o fogo do ardente facho
Amor atacar resolve,
E Marcia contra estas chammas
Os olhos brilhantes volve.

Amor encurva de novo
O arco tão temeroso,
E Marcia apenas arquêa
O seu sobrôlho formoso.

Amor a Marcia se rende,
E a guerra quer acabada;
Amor armado he vencido,
E Marcia está desarmada.

O D E LX.

A Victoria.

De Jove a Esposa, e a Deosa,
Que aos homens dera o saber,
Do Olympo hum dia baixando,
A Marcia quizerão vêr.

Que assombro foi o das Deosas
Quando chegárão a vella?
Que a mesma Venus celeste
Inda a descobrem mais bella!

Cheias de inveja, e ciume,
E cheias de confusão,
Envoltas em aureas nuvens
Se retirárão então.

E disse Juno agastada,
Com tom sevéro, e pezado,
Inda o juizo de Páris
Eu n'alma tenho gravado.

Fujamos, Minerva, exclama;
Quanto he formosa tu vês;
Teremos maior vergonha
Vencidas segunda vez.

ODE LXI.

O Amor reciproco.

Proxima achando-se Venus
A' luz o seu filho dar,
Quiz antes deste momento
As Parcas ir consultar.

Sempre te diz, que este Globo
Anda continuo a gyrar,
Que a roda do Sol brilhante
Muito tarde ha de parar.

Se queres a prova disto
Bebe do doce Lyeu;
Verás tudo andar á roda,
Bem como to digo eu.

Segura-te tu, não caias;
Toma-lhe mais o sabor;
Deixa que a Terra te fuja,
Não deixes fugir Amor.

ODE LXIII.

A vingança.

De huma guardada colmêa
Amor algum mel roubou,
E por vingar-se huma Abelha
Na linda mão lhe picou.

Amor tambem quiz vingar-se
Daquella pungente dôr;
E quanto forão terriveis
Sempre as vinganças d'Amor!

O mel que tinha roubado,
(Quem tal podia esperar?)
Nos roseos labios de Marcia
Foi logo depositar.

Mimosos labios de Marcia,
(Amor vingativo diz)
Em vós guardai para sempre
O amavel roubo que eu fiz.

Em vós, preciosos labios,
O mesmo effeito ha de ter:
Quem se atrever a tocar-vos
A mesma pena ha de haver.

S'Elmiro quizer beijar-vos,
Leve co'o mel o farpão;
Nos labios leve a doçura,
E o golpe no coração.

ODE LXIV.

O Passeio.

Quanto és, ó Marcia, formosa!
Que Imperio tem a belleza!
Adorações te tributa
O Quadro da Natureza!

Se neste claro remanso
Tu vais contemplar o rosto,
As mesmas ondas do rio
Até trasbordão de gosto.

Ha pouco via este Lyrio,
E contemplava esta Rosa;
Nem muito branco era elle,
Nem ella muito formosa.

Tu lhes pozestes os olhos,
Tu lhes tocaste co'a mão;
O Lyrio se fez mais alvo,
E a Rosa mais viva então.

Se pela mimosa relva
Teus passos, ó Marcia, agitas,
Não minto, tu mesma observas
Brotarem as Margaritas.

Tu viste maior prodigio;
Tocaste a praia do mar,
Calão-se as ondas, e a arêa
Em ouro viste mudar.

Agora, Marcia, tu deves
Fazer huma reflexão;
Se o que não sente he sensivel,
Tu julga o meu coração.

ODE LXV.

Amor invencivel.

Em aureo carro, tirado
D'hum bravo, e fero Leão,
Eu vi Amor, que levava
As leves redeas na mão.

O temeroso animal
A seu sabor conduzia;
Se os passos seus affrôxava,
Com rijo açoite o feria.

As Graças virão passar
Dest'arte o tenro menino,
E vendo hum Leão submisso,
Soltão hum rizo divino.

Eu, Marcia, tremi d'horror,
Vendo hum Leão subjugado,
E vi que Amor mais podia
Que a Natureza, e que o Fado.

S'elle o Monarca das Feras
Tem a seu jugo sugeito,
Se elle se armar de teus olhos,
Que ha de fazer em meu peito?

ODE LXVI.

O Osculo roubado.

Se quando, ó Marcia, dormias,
Hum osculo te roubei,
Sobre teus labios de Rosas
Toda a minh'alma deixei.

Sentindo-me inanimado,
Já da minh'alma distante,
Eu vi que o sopro da vida
Hia a findar n'hum instante.

Em busca delle ancioso
Mandei o meu coração;
Mas elle vendo teus olhos
Ficou na mesma prizão.

Mas ah! que do doce beijo
O fogo inda sinto arder;
Sem elle, ó Marcia formosa,
Eu não podéra viver.

Marcia volveo para mim
Seus olhos, e desde então
Não teve mais liberdade,
Nem paz o meu coração.

Sentada comigo á sombra
D'hum Cédro copado, e bello,
Da sua fronte nevada
Tirou hum dia hum cabello.

Pegou-me nas mãos risonha,
E rindo as mãos me ligava;
Eu innocente me ria
Do laço que ella formava.

Eu quiz quebrar as cadêas
Daquella débil prizão;
Mas vi que tinha empregado
Os meus esforços em vão.

Eu conheci que queria
Mui tarde emendar meu erro;
Porque erão aquelles laços
Inda mais duros que o ferro.

D'hum só cabello de Marcia
He tal o Imperio, e poder,
Que, delle prezo, só posso
De Marcia escravo viver.

ODE LXIX.

A Offerta.

Hum beijo sómente, ó Marcia,
Te dei na face celeste,
E desta innocente offerta
Parece te aborreceste.

Se acaso, ó Marcia, te offendes
Porque hum sómente te dei,
Esta devida homenagem
Mil vezes repetirei.

Se este thesouro regeitas,
E não o queres guardar,
Eu voluntario to acceito,
Pódes-mo tornar a dar.

Se julgas a offerta indigna
Que a minha boca te fez,
Consente, discreta Marcia,
Que eu a retome outra vez.

ODE LXX.

O Sonho.

Junto do Cedro encostado
Profundamente dormia;
Porém despertou-me hum sonho
N'alma que sempre vigia.

Senti que a discreta Marcia
A' Amor a venda tirava,
Que em ferros a convertia,
E aos pés, e mãos m'os lançava.

Depois que abrindo huma torre,
Que em torno banhava o mar,
Envolto em duras cadêas
Alli me foi sepultar.

Senti que a porta de bronze
Rangendo então se fechou,
E Marcia, Marcia formosa,
A chave á Morte entregou.

ODE LXXI.

O Prodigio.

Depois d'Aurora formosa
O Sol brilhante se avança,
E sobre o cume dos montes
Os raios ardentes lança.

Então ao romper do dia,
No Quadro da Natureza,
As aguas, prados, e montes,
Mostrárão maior belleza.

A Rosa as folhas abria,
Zéfyro brando das flores
Co'as leves azas, soltava
Embalsamados vapores.

O Rouxinol se lamenta
Em mil requebros saudosos;
Ao longe as grutas repetem
Os éccos harmoniosos.

Dos frôxos braços do somno
Eis Marcia se desprendeo;
De branco, e preto vestida
Veio contemplar o Céo.

Se foi encanto não sei
O que em tal hora senti;
Os Céos, e Terra s'escondem,
E a Marcia sómente vi.

Sinto perder os sentidos
Se lhe contemplo a belleza;
Nem tem valor junto a Marcia
O Quadro da Natureza.

ODE LXXII.

O Ciume.

Copado Cedro, mil vezes
A's tuas sombras eu venho;
Tu sabes, que o meu encanto
De ti distante não tenho.

Vejo de novo em teu tronco
Mil caracteres impressos;
Serão de Marcia? Mas elles
Não são dos meus mui diversos.

Que mão colheo tantas flores,
Que nesta relva nascerão?
Ha pouco inda as encontrava,
E já desapparecerão?

Mui differentes pégadas
Eu vejo impressas n'arêa:
Serão d'hum Pastor? ó Fados,
Quanto a minha alma recêa!

Dize-me, ó Cedro... mas não,
O teu silencio he melhor;
Antes incerto Ciume,
Que hum desengano em amor.

ODE LXXIII.

As duas Rolas.

Criei com muito cuidado
Duas Rolinhas mimosas;
Não sei qual era mais bella,
Porque ambas erão formosas.

Mas huma dellas as azas
Com mais ardor sacodia,
E vinha nas mãos pousar-me
Por muitas vezes ao dia.

Outra era esquiva, e feroz
Mostrava em tudo dureza;
Eu via a diversidade
Das obras da Natureza.

Produz os genios diversos
Nos homens, nos animaes;
Nem duas folhas d'hum mirtho
Eu posso encontrar iguaes.

Mas desta diversidade
Eu o motivo encontrei;
A Rola que era mais terna,
No seio de Marcia achei.

Daqui lhe vem, disse então,
Aquella meiga brandura;
Porque no seio de Marcia
Poz seu Imperio a ternura.

O D E LXXIV.

A Rosa invejada.

Co'a mão mimosa, e nevada
Marcia huma Rosa colheo;
Veio do campo, e no manto
A mesma Rosa prendeo.

Eu vi-a de longe, e disse:
" Feliz, e ditosa flor,
Tocaste naquelle peito,
Tens formosura maior.

Tomára não ser humano
Mudando de condição,
Tomára ser huma Rosa
Tocada daquella mão.

O' flor de Venus, ó quanto
A tua ventura invejo!
Talvez que te chegue aos labios
Talvez que te imprima hum beijo."

Mas hum momento depois,
(Quem póde segurar hum bem!)
Ella a tirou de seu manto,
Ella a tratou com desdem.

Ah! quiz Amor esquivar-me
A'quelle golpe de morte!
Talvez que Marcia quizesse
Tratar-me da mesma sorte.

ODE LXXV.

O Suspiro.

Eu cedo, Marcia formosa,
Ao fogo com que me abrazas;
Quiz enviar-te a minha alma
D'hum só Suspiro nas azas.

Nos teus refulgentes olhos
A incauta quiz repousar;
Não sei porque desventura
Tu lhe não deste lugar.

Quando a teus olhos voava,
Foi n'hum Suspiro d'amor,
E quando torna a meu peito,
Vem n'hum Suspiro de dôr.

ODE LXXVI.

Venus invejosa.

Não pôde Venus hum dia
O rosto de Marcia vêr,
Sem que sentisse no peito
O fogo da Inveja arder.

Do Imperio da linda Venus
Vingar-se quiz Natureza,
E deo ao rosto de Marcia
Mais graça, maior belleza.

Venus, sentida, a seu filho
Foi duras settas pedir,
E quiz atezando o arco
A bella Marcia ferir.

Encara-lhe o niveo peito,
Mas perde o fito assustada;
Porque da luz de seus olhos
Venus ficou deslumbrada.

Do arco eburneo sahindo,
Os ares corta o farpão;
Se Marcia não foi ferida,
Não foi o seu golpe em vão.

Do alvo gentil resvala,
No meu coração s'encrava,
E fez, oh Céos! por acaso
De Marcia a minh'alma escrava.

ODE LXXVII.

As duas Rosas.

Mando-te, ó Marcia discreta,
Duas differentes Rosas;
Huma he vermelha, outra branca,
Mas ambas são mui formosas.

Contempla, Marcia, contempla
D'ambas as Rosas a côr;
A minha imagem conhece
Em huma, e em outra a flor.

Então verás a figura,
Na branca, da minha sorte;
Verás na encarnada a chamma
De amor, que me causa a morte.

Mas ah! que nas folhas d'ambas
O verde está sem mudança!
Tu queres disso hum retrato?
Pois seja a minha constancia.

O D E LXXVIII.

A loucura d'Amor.

Chamaste-me louco, ó Marcia,
E tens, ó Marcia, razão;
Não tem as funcções que tinhão
Minh'alma, e meu coração.

Não vejo graça nos prados,
Nas flores não vejo a côr;
E quando se alegrão todos,
Lanço hum suspiro de dôr.

Vélo de noite, e de dia,
A solidão só me apraz;
Faz-me desgraçado aquillo,
Que os outros ditosos faz.

Todas as Nynfas são feias,
Só vejo em ti formosura.
Chamas-me louco d'Amor?
Pois seja eterna a loucura.

ODE LXXIX.

A offerta do Retrato.

Quizera ricos thesouros,
Formosa Marcia, offertar;
Até sobre teus altares
Cheiroso incenso firmar.

Rubins, e ricas Safyras,
Que manda o Gange opulento,
Provárão, discreta Marcia,
O meu reconhecimento.

Quizera hum aureo Diadema
Na tua frente cingir,
Aos pés do teu mesmo throno
O Mundo constituir.

Mas quero dar-te o que exceda
Thesouros da Natureza;
Que coisa mais preciosa,
Que a tua mesma belleza?

ODE LXXX.

A Ave ingrata.

Das garras do refalsado
Tigre domestico tinha
A terna Marcia arrancado
Huma innocente Avezinha.

Dentro do seio a recolhe,
Sobr'ella o pranto derrama;
Co'aquelle vital assopro
A' vida outra vez a chama.

A seus delicados membros
Torna de novo o vigor,
E pouco a pouco se perde
O sentimento da dòr.

Porém da prizão de Rosas
Súbito a ingrata fugio,
E as azas equilibrando,
No ar nunca mais se vio.

Nas faces de Marcia afflicta
Corre seu pranto magoado,
E são qual cravo mimoso
De pérolas aljofrado.

Ingrata, e fera Avezinha,
Tu deixas desconhecida
A Marcia, que já te dera
Entre os affagos a vida.

Entre nós ambos, ingrata,
Quanto he differente a sorte!
Tu foges d'ella, eu a busco,
Tu tens a vida, eu a morte!

ODE LXXXI.

A Sciencia.

A condição dos mortaes,
O' Marcia, não se melhora:
O que era ignoto ha mil annos,
Ainda hoje se ignora.

Vai inda a causa escondida
Da agitação que o mar tem,
Porque seis horas prefixas
Na enchente, e vazante tem.

Ninguem nos explica como
A flor na semente esteja,
Como, lançada na terra,
Em pouco tempo viceja.

Não se conhece o profundo
Milagre da geração,
Como he composto perfeito
O que era ha pouco embrião.

Eu não me occupo em romper
Tal sombra; seja o que for:
Como eu te conheço, ó Marcia,
Ao menos conheço amor.

ODE LXXXII.

A Tempestade.

Dobrão-se os troncos, co'o vento,
E ao longe rebrama o mar;
Todo de eléctricas nuvens
Em torno se tolda o ar.

Fuzila o medonho lume,
Segue-se horrendo trovão;
De susto, ó Marcia, no peito
Palpita o teu coração?

Tu queres, Marcia, esquivar-te
Dos elementos á luta?
Fujamos, Marcia, depressa
Ao seio daquella gruta.

Se tu tens medo do lume,
Que tão depressa fenece,
E do trovão que se escuta,
E logo desapparece;

Tu no teu seio me esconde;
Que eu sinto maior desmaio;
Pois vejo a luz de teus olhos
Inda mais viva que o raio.

Nem sempre a celeste chamma
Na terra cahe com pavor;
Eu sempre sinto no peito
Estragos que faz amor.

ODE LXXXIII.

A vista de Marcia.

Estava o Céo mui sereno,
Tranquillo dormia o mar,
E via a noite medonha
A pouco e pouco acabar.

Zéfyro brando nos ares
As doces azas batia,
E já dos Céos do Oriente
Hum raio de luz se via.

Co'os orvalhados cabellos
A rôxa Aurora apparece,
E o Sol das altas montanhas
A erguida fronte esclarece.

O Quadro da Natureza,
Tocado da luz Febéa,
Com magestade sublime
Aos olhos se patentêa.

Junto d'hum Cedro encostada
A Marcia descubro então;
Fica-me a scena do Mundo
Immersa na escuridão.

Brilhantes Astros celestes,
Eu sei que me perdoais,
Junto de Marcia formosa
Nem tendes luz, nem brilhais

ODE LXXXIV.

Marcia escondida.

A's ternas Nynfas hum dia
Por Marcia fui perguntar,
E todas disserão tristes,
Que alli a virão passar.

E que por sinal as flores,
Que ella hia co'o pé tocando,
Com seu contacto mais bellas
Hião da terra brotando.

Então ao Sol perguntei,
Se Marcia celeste vio?
Elle da minha pergunta
Parece que se sentio.

Porém respondeo, que a vira
No claro rio espelhar-se,
E com a luz de seus olhos
O seu resplandor turvar-se:

E que dest'arte offuscado
Co'os olhos de Marcia bella,
Nem vira para onde fora,
Nem dava noticias della.

Pergunto aos bosques, aos montes,
Se nelles Marcia s'esconde,
E o écco daquellas grutas
Sómente --- Marcia --- responde.

Na Natureza espantada
Me diz huma voz então:
Se queres achar a Marcia
Busca-a no teu coração.

ODE LXXXV.

O exemplo.

Das flores a Soberana,
Marcia, não vez quanto brilha?
Nella produz Natureza
Sempre a maior maravilha.

A Aurora lhe inveja a côr
Quando o perfume derrama,
De hum doce vapor celeste
O ar em torno embalsama.

O claro rio que a rega
Se esquece do seu correr,
As niveas ondas suspende,
Como embebido em a vêr.

A Abelha em torno sussura,
E a Borboleta mimosa,
As azas equilibrando,
Parece adorar a Rosa.

Se logo, ó Marcia, tornares,
Tu desfolhada a verás;
Em seu momentaneo Imperio
Que grandes lições terás!

Se logo, ó Marcia, a colheras
Terias maior ventura;
Passou o tempo, e com elle
O Imperio da formosura.

Não deixes fugir, ó Marcia,
A fugitiva belleza,
Olha que não se revogão
Decretos da Natureza!

ODE LXXXVI.

O osculo roubado.

O' Marcia, formosa Marcia,
Teus roseos labios gentiz
Já podem estar vingados
Do latrocinio que eu fiz.

Rompia nos Céos a Aurora
As sombras affugentando,
Junto do Cedro dormias
Hum somno suave, e brando.

Fui, assim he, temerario,
Beijei-te a boca formosa;
Mas tive grande desculpa,
Cuidava que era huma Rosa.

Se beija a mimosa Abelha
O Calis de huma Açucena,
Beijar eu tambem podia
A flor do Liz, e do Lena.

Tornei a mim confundido;
Marcia, temi teu rigor;
Pois sei que humilde respeito
Só queres no meu amor.

Aquelle amoroso roubo
Eu quiz ressarcir então,
E no lugar do delicto
Deixei o meu coração.

O D E LXXXVII.

O Annel offerecido.

Não queiras, Marcia formosa,
Tão liberal parecer,
Pódes com outros thesouros
A liberdade prender.

Tão precioso presente
Eu não te devo acceitar,
Pois queres com mais hum laço
As minhas prizões dobrar.

Teus dons, ó Marcia, suspende;
Já não duvida ninguem,
Que, além de ser teu amante,
Sou teu escravo tambem.

Se já lançaste cadêas
De Amor ao meu coração,
Para que queres hum laço
Visivel na minha mão?

ODE LXXXVIII.

O anno de Amor.

As Rosas, Lyrios, e luzes
Rivaes da celeste Esfera,
O' Marcia, são no teu rosto
Imagens da Primavera.

Os niveos pomos celestes,
Que Amor contempla invejoso,
São no teu seio o retrato
Do Outono delicioso.

Porém do Inverno sombrio
A fria, e dura estação
Está, ó Marcia discreta,
Dentro do teu coração.

Se alli penetrar deixares
De meu affecto o calor,
Então, portentosa Marcia,
Serás hum anno d'Amor.

ODE LXXXIX.

O Cestinho.

Sentado do Cedro á sombra
Elmiro Pastor hum dia,
Hum cesto mui pequenino
De tenros vimes tecia.

Dentro, depois de acabado,
Hum terno beijo fechou;
E logo d'Amor nas azas
A' linda Marcia o mandou.

Amor então no caminho
O bello cestinho abrio,
E dentro lhe fecha as graças,
Que á mãi celeste pedio.

Tambem do carcaz dourado
Algumas settas tirou,
Até seu ardente facho,
Alli lhe depositou.

Apenas Marcia o abrio,
O terno beijo amoroso
Mui prompto foi imprimir-se
No róseo labio mimoso.

As doces graças de Venus
No rosto se lhe espalhárão;
Porém o facho, e as settas
Nos olhos só lhe ficárão.

Dos lindos olhos de Marcia
Que muito s'escravo eu for?
Se para vencer o Mundo
Poz nelles o Imperio amor!

ODE XC.

O Rio.

Alegre, e sereno rio,
Que banhas estas campinas,
Que tens bordadas as margens
De mil fragrantes boninas.

Tu vistes nas tuas ondas,
A linda Marcia banhar-se?
Vistes a Nynfa formosa
Na fresca relva sentar-se?

A' sombra daquelle Cedro
Vistes-lhe o gado ajuntar?
Mas ah! que tu emmudeces,
Tu não me queres fallar!

Bem sei, tu morres d'amores
Tambem por Marcia formosa;
Atêa-se em tuas ondas
A activa chamma amorosa.

Pois se nas ondas se atêa,
Onde se havia extinguir,
Meu peito, que he todo fogo,
Que chammas ha de sentir?

ODE XCI.

As Abelhas.

O' voadoras Abelhas,
Que o mel buscais pelas flores,
Deixai incessantes gyros;
Qu'eu vou mostrar-vos melhores.

Se quando desponta a Aurora
Buscais a fragrante Rosa,
Nas faces da terna Marcia
Inda a tereis mais formosa.

Se o mel extrahis suave
Do Calis d'huma Açucena,
Mais branca a tereis por certo
Na sua frente serena.

Se ás vezes mais vos agrada
D'alguns Jasmins o candor,
No collo, e seio de Marcia
Talvez o tenhais melhor.

Eu vejo, louras Abelhas,
Que vós o que mais quereis
São Cravos; vinde comigo;
Que eu mostro onde os achareis.

Vêdes a Marcia? Em seus labios
Está partida esta flor;
Chegai aos labios purpureos
Tereis mel d'outro sabor.

Se em vós reconhecimento
Alguma força inda tem,
Huma porção desse aroma
Trazei-me aos labios tambem.

ODE XCII.

O engano d'Amor.

Pelo aprazivel Vimeiro
Colhendo d'hum Mirtho a flor,
De cima de hum verde Cedro
Vio Marcia o tyranno Amor.

Notou seu talhe donoso,
Seus olhos, claras estrellas;
Vio alvos Jasmins, vio Rosas
Nos labios, nas faces bellas.

Vio seu andar soberano
Das lindas graças cercado,
E á vista da linda Marcia
D'assombro o rio parado.

Cuidou (que facil engano!)
Ser Venus que elle buscava;
Vôa do Cedro contente,
E a linda Marcia abraçava.

Amada mãi . . . diz, e Marcia
Ao collo o Numen tomou;
E vio então Natureza,
Que Amor tambem s'enganou.

Confuso hum pouco Cupido
Dos braços se desprendeo,
E as azas equilibrando,
Os livres ares fendeo.

Que Amor menino s'engane
Não me causa admiração,
Se até a julga celeste
Filosofia, e Razão.

ODE XCIII.

Amor perdido.

Do collo da mãi formosa
Amor desappareceo,
Envolto n'hum véo sombrio
No peito se me escondeo.

A linda Venus dos olhos
Amargo pranto vertia,
E a quem lhe trouxesse o filho
Tres beijos offerecia.

Nynfas amantes o buscão,
Nenhuma dellas o achou;
Nem mesmo Jonia, ou Tircéa
Com elle a Venus tornou.

Em busca delle Dorinda
Ao campo sahio tambem;
Matem-se todas embora,
Eu não o dou a ninguem.

A Marcia sómente o dou,
E quanto eu sou liberal!
Venus promette tres beijos
Por coisa que tanto val!

Não quero os beijos de Venus,
Eu della não tenho dó:
Prometto entregallo a Marcia,
Se Marcia me der hum só.

ODE XCIV.

A duração da Belleza.

Tu não vês, formosa Marcia,
Quanto he triste, e quanto dura
No medonho, e frio Inverno
Mais que o dia a noite escura?

Tu não vês nas lindas flores
Quanto he breve a duração?
Dura mais que a Primavera
Sempre o calmoso Verão.

Essas arvores sombrias
Tão viçosas, tão copadas,
Do mimoso, e verde ornato,
São mais tempo despojadas.

O suave, e doce Imperio
Dos encantos da belleza
Tambem sente, e tambem soffre,
Esta lei da Natureza.

Agrilhôa a liberdade
Hum semblante encantador,
Liga o forte, liga o sabio,
Ao fatal jugo de amor.

Este Imperio glorioso
Eu o vejo fenecer;
Se hum momento he soberano,
Tem mais tempo de o não ser.

ODE XCV.

A Recompensa.

Quiz exhaurir seus thesouros
De huma só vez Natureza,
Dotou a Marcia sublime
D'entendimento, e belleza.

Della a Fortuna rival
Lhe quiz passar adiante;
Para vencer tantos dotes,
Quiz dar a Marcia hum amante.

Compensa Marcia sensivel
O bem que n'alma lhe tóca,
E deo na face d'Elmiro
Hum beijo da sua boca.

Conhece o Pastor que o beijo,
Dádiva desta belleza,
Excede em muito os thesouros
Da Sorte, e da Natureza.

Quer dar ao premio de Marcia
Hum premio com proporção,
Em toda a Terra o não acha,
Acha-o no seu coração.

Aos pés de Marcia o lançou;
A linda Pastora o tem;
E se ella o julga hum thesouro,
Não o terá mais ninguem.

ODE XCVI.

A Constancia.

Não vês Marcia a Primavera
Como perde o seu verdor?
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Perde o viço o prado alegre
Perde a graça a linda flor;
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Perde a alvura o branco Lyrio,
Perde o Cravo a acceza côr;
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Nasce o dia, e perde o dia
Pela tarde o seu fulgor;
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Diminue no secco Estio
Pouco a pouco o vivo ardor;
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Vês no Outono como perde
Doce fruta o seu sabor?
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Té o Inverno desabrido
Vê fugir o seu rigor;
Tudo muda a Natureza,
Só não muda o meu amor.

Findaráõ risos, e graças
No teu rosto encantador,
Assim mesmo, ó bella Marcia,
Terás firme o meu amor.

ODE XCVII.

Os olhos de Marcia.

Teus olhos, ó Marcia,
Me matão de amor.

Ou vagos os volvas,
Ou fixes attentos,
Ou feches izentos,
Sem vêr minha dôr;
Teus olhos, ó Marcia,
Me matão de amor.

Se aos Céos se levantão,
Tem mais resplandores;
E o Sol nos fulgores,
Tem mais vivo ardor.
Teus olhos, ó Marcia,
Me matão de amor.

Se vertem chorando
Hum pranto saudoso,
Meu peito amoroso
Tem mais hum penhor.
Teus olhos, ó Marcia,
Me matão de amor.

Se meigos se voltão
A vêr o meu rosto,
De amargo desgosto
Se embota o rigor.
Teus olhos, ó Marcia,
Me matão de amor.

ODE XCVIII.

O Canto de Marcia.

Vinde, Passarinhos,
Alegres tomar
De Marcia, que canta,
Lições de cantar.

Vinde; que em seus labios,
De mel, e ambrozîa,
A doce harmonia
Se faz escutar.

Ouvireis gorgeios,
Que ireis imitar
Quando a rôxa Aurora
Nos Céos assomar.

Vinde, Passarinhos,
Alegres tomar
De Marcia, que canta,
Lições de cantar.

Com vossos biquinhos
Vinde arremedar
Os éccos, que prendem
As ondas do mar:

A voz, que, subindo
De Amor sobre as azas,
Póde vivas brazas
De amor atear.

Vinde, Passarinhos,
Alegres tomar
De Marcia, que canta,
Lições de cantar.

Vinde; que eu não posso
Sentir, e fallar;
Tal voz ao discurso,
Não deixa lugar.

Vinde, que eu não posso,
Vinde exp'rimentar;
Que eu fico, que a Marcia
Tenhais que invejar.

Vinde, Passarinhos,
Alegres tomar
De Marcia, que canta,
Lições de cantar.

Vinde, vinde logo
Nas azas dos ventos;
Tão doces momentos
Não deixeis passar.

Vinde revoando,
Tereis que imitar;
Que Marcia não pára
Com vosso chegar.

Vinde, Passarinhos,
Alegres tomar
De Marcia, que canta,
Lições de cantar.

ODE XCIX.

A Despedida.

ADeos, Marcia! Este o momento
Em que o cégo, e duro Fado
Tem disposto, e decretado,
Que eu me aparte, e sem te vêr.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

A Deos, Marcia! Oh despedida
Mais cruel que a dura morte!
Eu não posso a crua Sorte
Com meu pranto enternecer.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Sem gozar teus lindos olhos,
Vèr as graças dessa boca,
Que o Tyranno Amor provoca
A mil cultos lhe render,
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Só angustias, só pezares,
Ancias, sustos, e tormento,
Hão de ser meu alimento
N'hum continuo padecer.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Volverei dentro em minh'alma
O feliz ditoso dia,
Em que a tua companhia
Fui gozar, e fui perder.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Da suave, e doce Lyra
Pela corda harmoniosa
Agitar-se a mão mimosa
Eu talvez não torne a vêr.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Ao perdido peregrino
Na montanha, e na espessura,
Nunca pôde a noite escura
Tão medonha apparecer.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Esse instante, em que da vida
Foge o sopro pressuroso,
Mais amargo, e mais penoso,
Nunca foi, nem póde ser.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Se nos Céos a doce tarde
Assomar serena, e bella,
Cuidarei ser inda aquella
Em que alegre eu te fui vêr.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Se estender a noite escura
D'Astros mil bordado manto,
Sonharei que em teu encanto
Bebo a taça do prazer.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

E serei, qual Passarinho,
Que, lutando noite e dia,
A gaiola abrir porfia,
Sem o ferro embrandecer.
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

Que te enojes, que te esqueças
Deste amor, e deste extremo,
Se a teus pés eu tanto o temo,
Não te vendo, o que ha de ser?
Bella Marcia, o teu amante
Não, não póde assim viver.

A Deos, Marcia, em paz te fica
Nesse incognito retiro;
Que até dar final suspiro,
Nunca tu me has de esquecer.
Tornarei; porque sem Marcia
Será morte o meu viver.

ODE C.

O Retrato.

Do Liz, e do Lena
A Candida Flor.

Soltas Avezinhas,
Que ao amanhecer
Quereis o silencio
Das sombras romper;
Se esperais a Aurora,
Voai; que já vem;
Vereis a Pastora,
Que prezo me tem;
Voai; que apparece
Dos Céos ao alvor
Do Liz, e do Lena
A Candida Flor.

Tem no rosto o Céo,
Nos olhos o dia,
Nos labios as Rosas,
Na voz a harmonia.
A boca he de mel;
E o túrgido seio
De Amor o vergel.
O vosso gorgeio
He pouco, Avezinhas;
Porque inda he melhor
Do Liz, e do Lena
A Candida Flor.
Sào mui desusados
Os lindos vestidos;
De branco, e de preto
Os vejo esparzidos.
Os lizos cabellos
Se occultão n'hum véo,
Que a meus tristes olhos
He quasi outro Céo.
Esta he, diz a imagem
Na letra ao redor,
Do Liz, e do Lena
A Candida Flor.

Não invejeis, nescias,
O doce prazer,
Que, em seu valle ignoto,
Eu tenho de a vêr;
E os osculos ternos
Que eu, fóra de mi,
Nas mãos d'Açucenas
Ditoso imprimi:
Pois quer o segredo
Em meu vivo ardor
Do Liz, e do Lena
A Candida Flor.
A's margens do Rio
A levo a aprender
Em todos os Seres
Lições de querer.
Tanto se adianta,
Que a todas precede,
E até na ternura
A Rola lhe cede.
Tanto engenho mostra,
Nas artes de amor,
Do Liz, e do Lena
A Candida Flor!

ODE CI.

Amavel Lyra de ouro,
Que déste os sons do descoberto Oriente,
Levanta agora aos Céos harmoniosa
Mais sublime thesouro,
Que dos Céos foi mandado á humana gente;
A voz melodiosa
De Marcia encantadora,
Que a Sorte faz dos corações senhora.

Ah! canta, se te he dado
Tanto acima voar, e em tom subido,
Tão divinal angelica harmonia,
Que o peito arrebatado
Me deixou n'hum suspiro enternecido;
Que a gloria parecia,
Em extasis absorto,
Me deixa a tudo, excepto a Marcia, morto.

A doce ligeireza
Com que seus alvos dedos governava
Pelas extensas cordas sonorosas;
A celeste destreza
Com que a cadencia angelica formava,
N'hum hálito de Rosas;
Que alto assombro provóca,
Na voz que fórma o som, na mão, que toca!

Amavel voz, que prende
Do mar a furia, os impetos do vento;
Que alto est'alma elevou como embebida
Onde s'ouve, e s'entende
O eterno Côro do Celeste Assento;
A voz, que nunca ouvida
Foi na terrea morada,
Prenda immortal sómente a Marcia dada!

Mudando brandamente
A seu sabor meu animo encantado,
Ora me inspira mágoa, ora a ternura
No animo, que sente
Doce Imperio d'Amor por Lei do Fado;
Em quanto com brandura,
Ou Filtro portentoso,
A Jonia me roubou, deo-me o repouso.

A ferida soffrendo
Neste volcão, que a grata melodia
Em meu peito accendeo, que arde, e s'inflamma,
Vou contente off'recendo
As mãos á algema, que taes penas cria,
Que balsamos derrama
No peito livre, e solto;
Onde escravo já fui, a escravo volto.

Oiço o labio, que sôa
Em feliz consonancia ao instrumento,
Pelos Céos feito, pelas Musas dado;
Que prende, e me agrilhôa,
Extatico, e confuso o pensamento,
Em nectares banhado
Da voz, que me enamora,
Que se a alma faz escrava, inda a melhora.

Oh voz! oh voz graciosa!
Voz, que em tudo me eleva ao Mundo alheio!
De fragrantes Jasmins, oh mão nevada!
Garganta harmoniosa,
Mimoso peito, da minh'alma enleio...
Tu, das Graças cercada,
Dos Céos, Marcia, desceste,
E á Terra, o que não tinha, o Céo lhe déste.

F I M.

N.B. O sexto verso da pag. 137 deve lêr-se:
(*Quem póde ligar hum bem!*)
E o quarto verso da pag. 142 deve lêr-se:
Vê minha perseverança.